

**LIZZIE
OUELLETTE
ESTÁ
MORTA**
e ninguém sentirá falta dela

KAT ROSENFELD

Tradução de Robson Falcheti



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

PARTE I



O LAGO

Pouco antes das dez da manhã de terça-feira, a fumaça vinda do ferro-velho na Old Ladd Road começou a ir para o leste. Àquela altura, o ferro-velho já ardia fazia horas. Sem ser detida, a fumaça formou uma coluna preta, pútrida e ondulante que era possível ser vista a quilômetros — agora, porém, a coluna era uma frente sendo empurrada pelo vento, que ganhava forças. As pontas de seus dedos finos e venenosos se arrastavam pela estrada e penetravam as árvores em direção ao lago. Foi quando o xerife Dennis Ryan enviou seu delegado, Myles Johnson, para desocupar as casas do local. Jurando encontrá-las vazias, é claro. Já se passava um mês do Dia do Trabalho e, com ele, a temporada turística. As noites eram mais longas agora, e mais frias, tingidas pela promessa de uma geada precoce. Naquele último fim de semana, viam-se pequenos caracóis de fumaça da queimada de madeira sobre as casas enquanto as pessoas acendiam suas fogueiras para se aquecerem do frio noturno.

O lago estava calmo. Sem motores zunindo, sem crianças gritando. Nada além do farfalhar do vento, do regato musical de água sob as docas de madeira e de um único pato-mergulhão

grasnando ao longe. Naquela manhã, o delegado do xerife bateu em seis casas, seis casas vazias com portas trancadas e garagens livres, até que o discurso que ele preparou acerca da ordem de evacuação se apagou em sua mente por falta de uso. Restavam apenas duas casas quando ele chegou ao número 13, automaticamente revirando os olhos para o nome pintado com *spray* na caixa de correio. Por um momento, até considerou pular essa casa, pensando que, se o incêndio no ferro-velho de Earl Ouellette já era um bom indício, então a filha dele sufocando nas cinzas seria um final e tanto. Apenas por um momento, é claro; ele se asseguraria disso mais tarde, ao afogar o dia em uma garrafa de Jameson, enchendo a cara para embotar a memória das coisas horríveis que viu. Uma fração de momento. Apenas um pontinho no radar mental, e certamente não o suficiente para ter importância, pelo amor de Deus. O que aconteceu com Lizzie havia se dado horas antes de ele saber que desceria a estrada da costa, o que significava que não podia ser culpa dele, mesmo que uma vozinha lá no fundo de sua mente ainda lhe sugerisse o contrário. Quando ele bateu, ela já estava morta.

Além disso, ele de fato bateu na porta. Ele bateu. Orgulhava-se do trabalho e do distintivo que usava. Pular a casa de Ouellette foi apenas um pequeno impulso, um velho rancor que ainda estava lá; ele não cederia a esse impulso. Fora isso, olhando para a caixa de correio, percebeu que era preciso considerar Dwayne, marido de Lizzie. Lizzie podia não estar sozinha em casa — ou podia nem estar aqui. Às vezes, o casal tinha locatários em momentos inusitados. Mais do que às vezes. Se havia alguém disposto a desrespeitar as regras, deixando pessoas permanecerem além da temporada apenas para ganhar mais alguns dólares ao ano, essa pessoa era Lizzie Ouellette. Provavelmente, algumas pessoas na cidade inalaram a fumaça tóxica e, bancando bons advogados, jogariam todos na merda.

E assim ele entrou na garagem vazia do número 13 da Lakeside Drive, pisando em um denso manto de agulhas de pinheiro que soltava sua essência sob os pés dele. Bateu na porta com as palavras “fogo”, “perigo” e “evacuação” ainda frescas em sua mente — e então recuou abruptamente quando a porta se abriu à primeira batida. Destrancada, sem nenhuma trava.

Alugar para desconhecidos, fora de época, era a cara de Lizzie Ouellette.

Deixar a porta aberta, não.

Johnson cruzou a soleira com a mão no quadril, destravando a arma. Mais tarde, no bar Strangler's, ele diria aos caras que soube que tinha algo errado desde o momento em que entrou — fazendo parecer um tipo de sexto sentido, mas, na verdade, qualquer um saberia. Havia um cheiro estranho na casa; não estava insuportável, mas rançoso e impregnado de notas fracas e doentes de algo que começava a apodrecer. E isso não era tudo. Havia sangue: um rastro dele, grossos respingos circulares no piso de pinho nodoso a poucos centímetros de seus pés. Vermelho-escuras e ainda cintilantes, as gotículas contornavam o canto do fogão de ferro fundido, escorriam pela bancada da cozinha e terminavam com uma mancha na borda da pia de aço inoxidável.

Abismado, dirigiu-se até lá.

Foi o seu primeiro erro.

Ele devia ter parado. Deveria ter considerado que um rastro de sangue que terminava na pia da cozinha teria um começo que valia a pena explorar antes de examinar qualquer outra coisa. Ele teria visto mais do que o suficiente para saber que algo estava errado, que deveria ligar para pedir reforços e esperar para saber como proceder; que ele não deveria, pelo amor do Senhor, jamais tocar em nada.

Todavia, Myles Johnson sempre teve um traço curioso, do tipo para quem a cautela só vinha depois. Na maior parte de sua vida, isso foi uma coisa boa. Dezoito anos atrás, como o novato da cidade, ele logo ganhou o respeito de seus pares com o bom e velho teste da corda que pendia nos bosques ao norte de Copperbrook Lake, agarrando-se a ela e saltando sem hesitação, enquanto o resto dos garotos prendia a respiração, para ver se a corda não arrebentava. Foi ele quem rastejou para debaixo da casa, para investigar uma família de gambás que lá se estabeleceu; foi ele quem perguntou ao antigo funcionário do correio por que ele não tinha um olho. Myles Johnson enfrentava qualquer desafio, explorava qualquer lugar escuro — e, até aquela manhã, a vida nunca havia lhe dado uma razão para ser de outro jeito. O jovem oficial que estava na casa do lago naquela manhã não era apenas um homem curioso e aventureiro, mas também otimista e

motivado por uma certeza subconsciente de que nada de ruim aconteceria com ele, simplesmente porque nada de ruim jamais aconteceu.

E as gotas de sangue escorregadias, aquela mancha sinistra na lateral da pia, eram um mistério que o atraía muito. Avançou, contornando o sangue no chão, os olhos fixos na sujeira da pia — ah, sim, uma sujeira, e a mancha era a menor delas. À medida que se aproximava, dava para ver: não era apenas sangue, mas carne, um respingo de pequenos pedaços e cartilagem também. Havia algo cor-de-rosa, úmido e fibroso espreitando do buraco escuro do triturador de lixo, que emanava um cheiro como o dos fundos de um açogue. E, enquanto Johnson olhava e estendia a mão na direção daquilo, ele sentiu os primeiros sinais de aviso e o sussurro desconhecido de uma voz nova e estranha que dizia: *não meta a mão aí.*

Mas ele não obedeceu.

Foi o seu segundo erro. Aquele que ele se esforçaria para explicar a todo mundo, desde o xerife até a equipe forense, passando pela própria esposa, que ficou semanas sem deixar que ele a tocasse, por mais que esfregasse as mãos — e aquele que, após o fato, ele não conseguiu justificar nem a si mesmo. Como explicar? Como explicar que, mesmo naqueles momentos finais, quando tirou a coisa da pia, ele estava apenas seguindo seu instinto de explorador? Como explicar que ele era apenas curioso e ainda estava certo de que nada de ruim viria em decorrência disso?

Afinal, nada jamais decorreu de algo assim.

Na pia, a coisa cor-de-rosa e polpuda reluziu. No quarto do outro lado da casa, uma nuvem de moscas se levantou brevemente, perturbada por uma força invisível, mas as moscas logo voltaram ao seu ofício: em um cobertor úmido, manchado de vermelho e envolto em algo que não se movia no chão. No ar, era mais pungente o aroma sutil da putrefação. E, pouco antes das 11h daquela manhã de segunda-feira, quando a fumaça do ferrolho em chamas começava a atravessar as casas na enseada mais ocidental de Copperbrook Lake, o delegado Myles Johnson enfiou dois dedos no triturador de lixo e puxou o que restava do nariz de Lizzie Ouellette.





O LAGO

Trinta anos atrás, os bosques em torno de Copperbrook Lake eram propriedade de uma empresa madeireira que, depois de decretar falência, encerrou abruptamente suas atividades. Tudo o que restou foram os esqueletos desmoronados de barracos antigos, a lâmina de serra esquecida, enferrujada e engolida por arbustos de amoras-pretas ou ramos grossos de balsaminas. As clareiras onde eram derrubadas e empilhadas as toras vinham sendo lentamente recuperadas pela floresta, lugares irregulares e estranhos cheios de mudas e de arbustos ao final de estradas de terra esburacadas que davam em lugar nenhum.

Ian Bird não era daqui. Ele virou errado duas vezes por essas estradas, bramindo impropérios nos becos sem saída, antes de encontrar o desvio para a estrada da costa. Saiu da estrada ao chegar à caixa de correio que marcava o número 13, parando atrás de um furgão da equipe forense. Como ele, os técnicos foram convocados pela polícia estadual — o mais rápido possível, mesmo que secretamente já soubessem ser tarde demais para impedir os policiais locais de pisar ali, estragando a cena do crime e enfiando as mãos sem luvas em lugares que não diziam respeito a eles.



Como o triturador de lixo. Jesus Cristo! Bird gemeu alto ao pensar nisso. Foi o pior tipo de erro, mas coitado de quem fez isso. Sem luvas, ainda por cima.

Aquela pequena joia, o nariz decepado na pia, tinha sido noticiada no rádio quando Bird ainda estava a caminho, ou seja, àquela altura, algum intrometido com um *scanner* já tinha espalhado a notícia até a fronteira do condado. Não que realmente importasse. Em um lugar como este, com um caso como este, os detalhes sempre vazavam. Bird nunca esteve em Copper Falls, mas tinha passado um tempo em muitas cidades como esta e sabia como a banda tocava. Os policiais da cidade precisavam lutar contra uma imprensa faminta para proteger as informações; aqui se enfrentava algo muito mais primitivo. As pessoas que viviam em lugares assim pareciam se ligar aos negócios umas das outras em um nível celular, compartilhando segredos por meio de uma espécie de consciência coletiva, que se transferia de sinapse em sinapse tal como drones conectados a uma única colmeia. E, quanto mais succulenta, mais rápido a notícia viajava. Esta história teria cruzado a cidade antes que Bird errasse a primeira curva.

Entretanto, talvez estivesse tudo bem. Quanto mais difundidos fossem os detalhes horríveis sobre o assassinato de Lizzie Ouellette, mais difícil seria que o marido se escondesse. Mesmo amigos e familiares pensariam duas vezes antes de abrigar um cara que decepou o nariz da própria esposa... Se é que foi ele, evidentemente. Ainda era cedo, e era preciso explorar todas as possibilidades — mas havia todas as marcas de uma disputa doméstica, algo profunda e terrivelmente pessoal. Pareciam as peças que faltavam no quebra-cabeça: sem sinais de arrombamento, sem levar objetos de valor. E, claro, havia a questão do rosto mutilado da mulher. Bird viu selvageria como essa apenas uma vez, só que, naquela época, havia dois corpos: um assassinato seguido de suicídio, marido e mulher lado a lado. O homem reservou um machado para ela, guardando a bala para si. Foi um final mais limpo do que ele merecia e uma sujeira irritante para a equipe de investigação. Passaram semanas interrogando amigos, familiares e vizinhos, tentando descobrir o porquê daquilo. Tudo o que diziam era que eles eram felizes ou felizes o suficiente.

Bird se perguntou se Lizzie Ouellette e Dwayne Cleaves eram felizes o suficiente.

Com sorte, pegariam Cleaves a tempo de perguntar ao próprio.

Bird terminou o café, devolvendo o copo ao console do carro, e saiu. O vento tinha mudado de direção, empurrando a fumaça do ferro-velho para o norte, cruzando o lago, mas um leve odor acre ainda pairava no ar. Demorou-se para fazer o caminho até a entrada da garagem, assimilando o cenário — a casa aninhada entre os pinheiros se assomando ao final da curva. Para além dela, o lago resplandecia, as águas agitadas pelo vento. Mais alto que o farfalhar das árvores, ouvia-se o leve arrebentar de ondas batendo na parte inferior de uma doca. O som tinha seu papel aqui. Em uma noite tranquila, daria para ouvir um grito do outro lado do lago, se houvesse alguém para escutar. Mas, ontem à noite, todos os lugares estavam vazios. Não havia testemunhas. Ou o assassino era muito sortudo ou conhecia muito bem o local.

Bird sabia em qual das hipóteses apostaria seu dinheiro.

Com cara de quem estava prestes a vomitar, Myles Johnson estava junto à porta. Afastou-se ao ver o distintivo de Bird e apontou para o corredor, onde meia dúzia de pessoas se aglomerava na entrada do quarto. Bird reconheceu os policiais locais pela postura desconfortável — confusos, mas ainda assim descontentes por ver um estranho entre eles.

Os restos mortais de Lizzie Ouellette jaziam estirados no chão, ao lado da cama. Um dos técnicos se desviou do corpo quando Bird espiou pela porta, oferecendo um vislumbre do cadáver. A visão de um quadril com a parte de baixo de um biquíni vermelho esticada sobre o osso, um ombro desnudo, com a camisa puxada para o lado, o cabelo emaranhado de sangue. Muito sangue — dava para ver manchas na pele e outra que se espalhava pelo tapete. As moscas zumbiam, mas não havia vermes. Ainda não. Ela não estava ali há muito tempo.

Bird examinou a área ao redor da cama, observando a colcha amassada no chão. Mais sangue. A colcha estava manchada, mas não encharcada.

— Ela estava coberta — falou uma voz, e Bird se virou para ver o jovem delegado que o recebera na casa, os ombros largos quase roçando as paredes do espaço estreito. Ele torcia um pano de prato nas mãos, os nós dos dedos brancos de tanta força que empregava.

O cara do nariz.

— Foi você que encontrou o corpo, então?

— Sim. Quer dizer, eu não sabia quando movi o cobertor. Pensei que ela estava, sabe, viva ou...

— Viva — repetiu Bird. — Mesmo depois de ter encontrado o nariz dela na pia? Ainda está lá?

Johnson balançou a cabeça negativamente enquanto uma das técnicas saía do quarto, apontando para o corredor enquanto passava.

— Ele o deixou cair — informou ela. — Nós o ensacamos. Não se parece muito com um nariz.

Bird se voltou para Johnson.

— Tudo bem, oficial. Está tudo bem. Me conte o que viu.

Johnson fez uma careta.

— Fui acompanhando o sangue. Tinha um rastro desde a cozinha, depois que eu encontrei... você sabe. Daí vi o cobertor com mais sangue. Jurava que tinha alguém embaixo. Puxei. Vi o corpo. É isso. Eu não tentei... Digo, só de bater o olho eu soube que ela estava morta.

Bird fez que sim com a cabeça.

— Então ele a cobriu antes de sair.

— Ele? Você diz, tipo... — Johnson sacudiu a cabeça com veemência, apertando o pano de prato. — Não, cara. O Dwayne não teria...

Os olhos de Bird se estreitaram ao som do primeiro nome do marido.

— Ah, é? Cadê o Dwayne, então? Tentou enviar uma mensagem para ele? Ele respondeu?

Bird sentiu uma ponta de satisfação ao ver o rosto de Johnson ficar vermelho. Mencionar a mensagem tinha sido apenas um chute, mas ele acertou em cheio. Johnson e o marido da falecida não eram só conhecidos; eram amigos.

Encostado na parede durante essa troca, o xerife Ryan agora dava um passo à frente, colocando a mão no ombro de Johnson.



— Ei, é uma cidade pequena. Todos nós conhecemos o Dwayne, alguns há muito tempo. Mas ninguém está tentando atrapalhar você. Aqui, todos queremos a mesma coisa, e os meus homens vão lhe prestar qualquer ajuda necessária. Já mandamos um carro para a casa dele e da Lizzie na cidade. Não tem ninguém lá. O Toyota da Lizzie está estacionado aqui atrás, e eles tinham outro veículo, uma picape... não está aqui, então o melhor palpite é que, achando o carro, achamos o Dwayne também. Divulgamos a descrição do veículo. Se ele estiver na estrada, será apanhado mais cedo ou mais tarde.

Bird anuiu com a cabeça.

— Então eles moravam na cidade. E este lugar é o quê? Uma casa de veraneio?

— Earl... o pai da Lizzie... a casa é dele. Ou era. Acho que a Lizzie praticamente tomou posse, deu um trato e botou para alugar. Para pessoas de longe, na maioria das vezes. — O xerife se deteve, deslocando o peso do corpo para a outra perna, com a testa franzida. — Isso não pegou bem entre alguns proprietários.

— Como assim?

— Somos uma comunidade unida. A maioria que tem casas em Copperbrook gosta de fazer negócios de boca em boca, sabe. Indicação entre família, amigos da família, pessoas ligadas à comunidade. Ouellette anunciou esta casa em um site para qualquer um alugar. Como eu disse, não pegou bem. Tivemos alguns problemas. Alguns vizinhos se aborreceram.

Bird arqueou as sobrancelhas, apontando a cabeça na direção do quarto, do sangue, do corpo.

— O quanto se aborreceram?

O xerife captou o tom e endureceu.

— Não como você está pensando. Estou dizendo que, em relação ao pessoal para quem ela alugava, não sabemos quem eram ou no que estariam interessados. Você vai querer descobrir.

Houve um longo silêncio enquanto os homens se entreolhavam. Bird foi quem primeiro desviou o olhar, observando o telefone. Quando falou novamente, manteve o tom suave.



— Vou investigar tudo o que for relevante, xerife. Você mencionou o pai da vítima. Ele mora na cidade?

— No ferro-velho. Ele tem um trailer lá, ou tinha. Duvido que tenha sobrevivido ao incêndio. Céus, não dá para imaginar... — O xerife meneou a cabeça, e Myles Johnson olhou para as mãos, que não paravam de torcer o pano de prato. Bird pensou que o troço logo rasgaria.

— O incêndio — disse Bird. — Aconteceu onde fica a casa do pai? Que maldita coincidência.

— É por isso que eu estava aqui. O vento subiu, e eu vim pedir às pessoas que evacuassem — comentou Johnson. — Mas a porta...

— Bird? — Um técnico forense enfiou a cabeça para fora do quarto, fazendo um gesto com o dedo. Bird assentiu e fez o mesmo movimento para Johnson.

— Vamos dar uma olhada nela. Me leve até lá.

UM MOMENTO DEPOIS, ele estava ao lado do cadáver, lendo em voz alta as notas preliminares que alguém tinha rabiscado a fim de que passassem pelo seu crivo.

— Elizabeth Ouellette, 28 anos... — Ele olhou do bloco para o corpo, fazendo uma careta. O nome estava escrito em letras legíveis, mas o rosto era irreconhecível. Deitada de lado, a mulher tinha os olhos opacos e entreabertos sob as mechas de cabelo ruivo encharcadas de sangue. Os olhos eram a única parte que ainda se parecia com antes; abaixo via-se tudo triturado, uma verdadeira “torta de cereja”, como diriam alguns do quartel. O nariz era o de menos. Quem matou Lizzie Ouellette colocou o cano de algo grande sob o queixo da mulher (talvez a espingarda que tinha desaparecido, registrada em posse na casa que ela compartilhava com Dwayne Cleaves) e puxou o gatilho. A bala arrancou a mandíbula, devastando os dentes e explodindo a estrutura do crânio antes de sair pela parte de trás da cabeça. Um único dente molar perolado sobressaía da sujeira, um branco impossível, perfeitamente intacto.

Com uma expressão de assombro, Bird desviou o olhar, concentrando-se no resto do cômodo. Havia um respingo na parede, fragmentos de



ossos e de cérebro, mas ele ainda estava impressionado com o aspecto do lugar. Alguém — a mulher que se encontrava morta a poucos metros dele, supunha — tinha cuidado da decoração. Via-se um tapete oriental puído, mas elegante, no pé da cama, de um azul de tom desbotado que ecoava nas cortinas, emoldurando a janela, e na colcha, agora manchada de sangue. Um par de lindos abajures de latão, ou algo parecido, nas mesinhas de cabeceira. Uma pilha de livros antigos artisticamente dispostos na cômoda. Casas do lago eram quase sempre um depósito de móveis que não ornavam, troféus de caça antigos, travesseiros com a estampa de frases como FUI PESCAR — a própria família de Bird já tinha alugado uma casa perto da fronteira que parecia ter a cabeça de um cervo brotando em todas as superfícies verticais. Este lugar, porém, era algo de revista. Ele precisaria localizar todos os sites em que Ouellette tinha anunciado a casa, mas já imaginava como ela deve ter chamado a atenção das pessoas da cidade que queriam sair de férias.

Bird se virou, curvando-se para o corpo. *Torta de cereja*, pensou de novo. Encontraram a carteira, os cartões de crédito e a habilitação da falecida em uma bolsa na cômoda, mas o rosto era um problema. E uma inter-rogação. Ele olhou em volta do quarto, dos técnicos até o xerife e Johnson, que agora sussurrava com outros dois homens mais jovens que provavelmente eram também policiais locais.

— Quem fez a identificação? — perguntou Bird, mudando sutil e repentinamente a energia no recinto. Uma quietude irrequieta, a rápida troca de olhares entre os homens. O silêncio durou tempo demais, e ele se endireitou, irritado. — Johnson? Xerife? Quem fez a identificação? — repetiu.

— Foi, hã, um esforço conjunto, por assim dizer — respondeu um homem loiro que Bird não conhecia. Johnson olhou para o chão, mordendo o lábio.

— Esforço conjunto — repetiu Bird, e houve mais silêncio, mais olhares trocados, antes de Johnson dar um passo à frente e estender um dedo para o corpo.

— Ali está — falou. Bird seguiu o dedo apontado e viu. Aquilo tinha lhe escapado em meio a todo o sangue e as moscas gordas e escuras. A camisa da morta estava revirada até o pescoço, e via-se na curva interna de

um dos seios uma bolha escura do tamanho de uma mosca-doméstica, mas sólida. E estática. A nuvem de moscas ascendeu e pairou; o ponto permaneceu. Ele semicerrou os olhos.

— É uma verruga?

— Sim, senhor — respondeu Johnson. — Marca de nascença. É a Lizzie Ouellette, sem sombra de dúvida.

Bird franziu a testa e pestanejou, não gostando nada da sensação de ter perdido alguma coisa, ainda menos da mudança de energia no quarto.

— Você tem certeza disso? — perguntou, percebendo que Johnson não era o único a assentir com a cabeça. Olhou para os outros homens. — Todos vocês? Todos vocês sabem como é o seio da Elizabeth Ouellette?

Johnson tossiu, ruborizado.

— Todo mundo sabe, senhor.

— Como?

A questão pairou no ar, e a ficha de Bird caiu: os homens seguravam o riso. Risadinhas eram instintivas, mesmo agora. Ele podia vê-los quase tremer com o esforço para contê-las.

Ninguém quer falar, pensou.

Entretanto, por incrível que pareça, alguém falou. O policial alourado, com a boca um pouco torcida — não sorrindo exatamente; ninguém poderia acusá-lo de sorrir —, olhou diretamente para Bird e respondeu:

— Como é que você acha que sabemos, cara?!

Não foi uma pergunta.

Bird soltou um suspiro e foi trabalhar.





A C I D A D E

Era pouco antes das dez da manhã, o Sol refletia nas janelas que davam para o sul, quando o casal na mansão multimilionária em Pearl Street finalmente começou a se mexer. Ela acordou primeiro, o que era incomum. Durante toda a vida, Adrienne Richards foi relutante em acordar cedo, despertando com uma longa série de chutes, gemidos e falsos começos. Agora, a mulher deitada em casulo na cama *king-size* acordou num piscar. Olhos fechados. Olhos abertos. Como Julieta despertando em sua tumba — só que com lençóis de algodão egípcio, com no mínimo 1.200 fios, no lugar de uma lápide de mármore.

Lembro-me bem de onde eu devo estar,

E aqui estou.

Onde está meu Romeu?!



¹ Trecho de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Tradução de Barbara Heliodora. [Ed. especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de bolso) [N. da T.]

Ela poderia ter rolado para vê-lo, mas não era preciso; dava para senti-lo ao seu lado, ouvir a respiração lenta e constante que indicava que ele ainda dormiria por uma hora, a menos que desse uma sacudida nele. Apenas uma das muitas coisas que ela sabia por instinto, depois de quase dez anos de casamento. Ela conhecia o som e as nuances da respiração dele melhor do que da própria.

Era preciso sacudi-lo, é claro. Mais cedo ou mais tarde. Não podiam dormir o dia todo. Havia coisas a serem feitas.

Lembro-me bem de onde devo estar.

Ela lembrava.

Ela se lembrava de tudo.

Havia tanto sangue.

Todavia, por vários longos minutos, ela ficou acordada sem se mover, contentando-se em vagar os olhos pelo quarto. Não era difícil ficar imóvel; o gato, um macho grande e cinza com olhos verdes e pelo sedoso, tinha se acomodado na dobra de seu corpo durante a noite e, aquecido, ronronava sobre ela, cujo rosto repousava em um travesseiro limpo e macio. O quarto foi pintado com um lindo azul-escuro — Adrienne passou por uma fase de terapia de cores, e essa cor prometia promover o bem-estar, a qualidade do sono e a melhoria do sexo — e de quebra tinha cortinas que, mesmo agora, nesta última hora antes do meio-dia, sombreavam como veludo os cantos e as fendas, acumulando-se sob o móvel. O vestido que ela usou na noite anterior estava largado no lugar onde ela o tinha tirado — um erro estúpido; provavelmente seria preciso mandar lavá-lo —, mas, tirando isso, o quarto estava perfeito. Simples. Um brinco. Os toques pessoais se restringiam a uma prateleira próxima que sustentava a estatueta de uma dançarina de balé, um par de brincos de safira deixados em um pires e uma fotografia emoldurada dos então recém-casados Sr. e Sra. Richards no dia do casamento. Uma memória de tempos mais felizes. Loira e magra, Adrienne era só sorrisos em um vestido branco de seda; Ethan, alto e de ombros largos, já ostentava um corte de cabelo bem rente, para disfarçar as entradas. Ele



tinha 34 anos no dia do casamento. Era 12 anos mais velho que ela, que se casava pela primeira vez; ele, pela segunda.

Não que desse para saber só de olhar para a foto, pensou ela. Ambos pareciam radiantes e felizes, emocionados com a novidade. Recém-casados no início de uma vida inteira juntos, para sempre.

Ela invejava aqueles dois. O jovem casal na foto não tinha ideia do que estava fazendo. Um horror para além da imaginação, só que ela não precisava imaginar. Aconteceu, e, nas poucas horas que dormiu, gravou-se na memória com detalhes vívidos e terríveis. Noite passada... Ela estava em choque, supôs, e ele também, naquela longa viagem para casa. Os dois sentados, em silêncio, atordoados, à medida que tudo desaparecia no retrovisor: a cidade; o lago; a casa e tudo nela.

O corpo.

O sangue.

Havia tanto sangue.

Mas foi fácil sentir, à medida que os marcadores de quilometragem brilhavam no escuro e os eventos da noite se distanciavam deles, que tudo não passava de um sonho ruim. Mesmo o regresso para casa não parecia totalmente real. No trajeto, ela colocava a cabeça para fora da Mercedes, olhando para o bosque, e tudo o que pensava é que estavam quase em casa. Agarrou as chaves e foi até a porta, a boca tensa e comprimida, o marido ao seu lado com ar sinistro. É provável que tenham se falado em algum momento, mesmo que apenas para concordar em deixar uma discussão mais densa para o outro dia, mas tudo o que ela se lembrava era do silêncio. Ambos caminhando cautelosos pelo corredor escuro, chegando até o quarto, nem mesmo se preocupando em ligar a luz. Ela chutou os sapatos para longe, abriu o zíper do vestido e, despindo-se, entrou debaixo dos cobertores. A última coisa de que se lembrava foi olhar para o escuro e pensar que nunca pegaria no sono, que seria impossível.

Mas ela adormeceu.

Não podia mais ficar parada.



O gato lançou um olhar de desaprovação quando ela se movimentou, saltando para o chão ao vê-la deslizando do edredom. Ao lado dela, o marido se mexeu. Ela se deteve.

— Tá acordado? — sussurrou ela. Em tom manso. Testando.

As pálpebras tremularam, mas permaneceram fechadas.

Deixando o marido dormir, ela saiu do quarto, os braços cruzados sobre os seios desnudos, seguindo o gato até a cozinha. Encolheu-se ante a luminosidade que atravessava as janelas. O lugar dava para uma bela vista do bairro, mas, céus, como era claro. Todo aquele vidro, janelas intermináveis, as fachadas de pedra das casas do outro lado da rua reluzindo ao Sol. Era ofuscante. Acima das ruas estreitas, o céu se estendia azul e limpo.

Faminto, o gato contornou suas pernas, miando. Ela precisaria cancelar a babá do gato.

— Tudo bem, amigo — falou mansinho. — Vamos providenciar seu café da manhã.

ELA TOMAVA CAFÉ NA BANCADA, agasalhada com um suéter e digitando no notebook, quando o marido apareceu no fim do corredor. Ouviu-o sair da cama vinte minutos antes, mas a porta tinha permanecido fechada; houve um breve silêncio seguido do som de água corrente. A princípio, ela ficou atordoada. Da cama para o chuveiro, como se fosse apenas uma manhã normal. Como se não houvesse conversas urgentes no caminho. Então, a surpresa cedeu lugar ao alívio. Havia coisas piores que um homem poderia fazer sob tais circunstâncias do que aderir à própria rotina. Significava que ele estava sabendo lidar.

Ele parou no mesmo lugar onde ela tinha parado, olhando para a vista através das janelas. Estava usando um moletom surrado da faculdade e tinha se barbeado. Havia pedaços de papel higiênico grudados no seu rosto; um pedacinho caiu enquanto ela observava, repousando na gola surrada do moletom. Ela pigarreou. Hora de tratar do que importa.

— Oi.



O marido se virou lentamente ao som da voz. Os olhos estavam vermelhos — *por falta de sono*, pensou ela. Era o que ela esperava. Certamente, ele não tinha chorado. Olhou para ele, mas não foi possível interpretar sua expressão.

— Vem cá. Fiz café.

Ela apontou um dedo para o armário ao lado da pia. Ele o abriu como se estivesse atordoado, retirou uma caneca e se sentou ao lado dela.

— Fiz lambança. Eu me cortei — comentou ele com a voz grave. — Vai sair sangue o dia todo.

— Tudo bem — respondeu ela. — Hoje você vai ficar em casa mesmo. Fora de vista. Não sei quanto tempo a gente tem. Marquei alguns compromissos e saio dentro de uma hora, para ver quanto tempo levamos para organizar as coisas. Está bem?

Ele repousou a caneca.

— Do que você tá falando?

— Acharam o corpo dela.

Toda a cor se esvaiu do rosto do marido.

— E ele?

Ela balançou negativamente a cabeça, inclinando-se para ler em voz alta.

— Contamos com a ajuda da população para localizar o marido de Ouellette, Dwayne Cleaves — reproduziu ela. — Quem tiver informações blá-blá-blá. Tem um número para ligar. É isso.

— Droga! Mas como? Como é que podem...

— O incêndio no ferro-velho — respondeu, calma. — A fumaça subiu esta manhã. Devem ter ido lá, para garantir a evacuação. Mas vai ficar tudo bem...

Ele não estava escutando. Balançou a cabeça, batendo a mão aberta na bancada.



— Droga. Droga, droga, droga. Caramba, por que é que você precisa...

Ele ergueu os olhos, viu a expressão da esposa e decidiu não terminar a frase.

— Vai ficar tudo bem. Entendeu? Vai ficar tudo bem. Está tudo bem. Pegaram a pista certa. Dwayne Cleaves matou a esposa e agora ele está fugindo.

Longo silêncio.

— Eles vão encontrá-lo — disse ele finalmente.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Mais cedo ou mais tarde. É bem provável. Mas quem sabe quando? Você viu o que eu vi. Pode demorar muito tempo.

— Então, o que fazemos?

— Nós? Nada. Você fica aqui. Fora de vista. Vou buscar o dinheiro, e depois bolamos um plano. Um plano de verdade. Tivemos sorte, mas quero ser inteligente, mesmo que leve alguns dias. Está tudo bem. Não precisamos correr, não quando não tem ninguém na nossa cola.

Agora ele a odiava. Ela podia sentir o ódio emanando dele, podia ver a tensão vibrando na mandíbula enquanto cerrava os dentes. Ele sempre odiava quando ela adotava esse tom, o que não deixava dúvidas de quem, na opinião da esposa, era a inteligência do casal. *Bem, ferrou*, pensou ela. Ela era inteligente. Sempre foi e ela sempre soube, quer pessoas como o marido reconhecessem ou não. E, se precisasse irritá-lo para lembrá-lo do que estava em jogo e quem estava no comando... Bem, ela preferia o orgulho ferido dele a outras alternativas. Aquele olhar com olhos vermelhos e assombrados de quando ele saiu do quarto, olhando para as janelas como se não soubesse quem era ou onde estava — não, ela não tinha gostado nem um pouco daquilo. Se ele não segurasse a barra, os dois estariam ferrados.

— E se a polícia aparecer? — indagou ele finalmente.

— E por que isso aconteceria?



Ele deu de ombros, olhando para baixo.

— Sei lá. A Mercedes? As pessoas vão se lembrar de ter visto o carro, se é que viram. Placa de fora do estado, fora de temporada, um carrão luxuoso *pra* caramba que chama mais atenção do que mosca no leite. Ainda mais depois daquela besteira no mercado, no ano passado. Você e o maldito iogurte? Eles vão se lembrar e vão vir fazer perguntas e...

— Então vou dizer a eles o que eles precisam saber — cortou ela, com um olhar fuzilante. — Eu vou dizer a eles. Olhe para mim. Olhe para mim. — Ele olhou. Por vários segundos fitou a esposa fixamente. Ela colocou a mão sobre a dele e falou com convicção feroz: — Estamos muito perto de terminar. Você só tem que me deixar cuidar de tudo.

Finalmente, ele assentiu com a cabeça. Acreditava nela, dava para ver no rosto dele. Mas o olhar perdido... ele ainda estava lá também. Ela soltou um suspiro.

— Diga. Não podemos nos dar o luxo de jogar este jogo, não agora. Diga o que quer que não esteja dizendo.

Ele olhou para a xícara de café. Mal tinha tomado, e agora estava frio.

— É que... — Afastou-se e endireitou os ombros. — Eles vão descobrir o que fizemos.

Ela balançou a cabeça, furiosa.

— Não vão.

Ele suspirou, girando o anel no dedo, o que sempre fazia quando estava nervoso. Ver isso partia o seu coração, mas ela precisava ser firme.

— Ouça bem — ordenou. — Lizzie e Dwayne estão mortos. Acabou. Não há mais nada que a gente possa fazer. Mas estamos vivos. Temos um futuro. E temos um ao outro. Está bem? Você precisa confiar em mim.

Os ombros do marido cederam, e os dela também, aliviados. Ele estava concordando com ela, do jeito que sempre fazia, do jeito que ela sempre sabia que ele faria. Mas ainda havia assombro no seu olhar, e, quando ele falou novamente, ela quase gritou.



— Não consigo parar de pensar — confessou ele, e ela se inclinou para frente, agarrando os ombros dele, sem condições de suportar.

— Pare.

Mas estava além das forças dele. A imagem sempre vinha. As palavras escaparam sussurrantes, e o ar na casa pesou pavorosamente.

— O jeito que ela olhou para mim.



AMOSTRA